

Um estudo psicanalítico do romance O Ateneu

Celso Garcia Paula Junior

Orientadora: Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal expor aspectos do sistema psicanalítico de Sigmund Freud, aplicado no estudo da obra literária **O Ateneu**, de Raul Pompéia, considerado um dos livros mais densos em termos psicológicos da Literatura Brasileira.

Será levado em consideração o contexto histórico vivenciado por Raul Pompéia e o momento em que foi escrita a sua obra, além da época em que viveu Freud e quando foi elaborado seu sistema psicanalítico. Serão utilizados fragmentos do romance **O Ateneu** para comprovar tal estudo e que foram interpretados de acordo com os mecanismos de defesa contra a ansiedade, postulados por Freud.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura – psicanálise – ansiedade

ABSTRACT: This article has the objective to expose the Sigmund Freud's psychoanalysis system, applies in the study of literary work **O Ateneu**, of Raul Pompéia, considered one of the most dense in psychological terms of Brazilian Literature.

It'll be considered the historical context in which Raul Pompéia lived and the moment was written his work in the time thar lived Freud and when was created your psychoanalysis system. It'll be use some parts of the novel **O Ateneu** to prove this study, that was interpreted according to the defense mechanisms against the anxious criated for Freud.

KEYWORD: Literature – psychoanalysis – anxious

LITERATURA E SOCIEDADE

A leitura de renomadas obras literárias, possibilita remontar toda a época histórica, social e cultural em que tais escritos surgiram. Sabemos que são diversos os fatores capazes de enriquecer o fazer literário, todavia um é muito importante e deve ser levado em consideração: o contexto histórico.

A obra **O Ateneu** foi publicada em 1888, entretanto, os fatos que giram em torno da mesma e que possivelmente influenciaram na sua elaboração, são múltiplos (PAULA JUNIOR, 2005, p. 11).

O mundo ainda estava sob o impacto da Revolução Industrial, iniciada no século anterior o que possibilitou a Inglaterra, país precursor de tal evento (1760), uma certa hegemonia na Europa.

Juntamente a isso, os ideais liberais e todo o legado cultural que se construía após a Revolução Francesa, foram decisivos sob vários aspectos, tanto que a mesma representa um marco histórico entre a Idade Moderna e o início da Idade Contemporânea, ocasionando a queda do antigo regime em vigor na França e a ascensão da burguesia. Trouxe muitas conquistas culturais como na pintura e na literatura, na política, com a diminuição de regimes totalitários e a implantação de regimes democráticos. Todavia deixou um péssimo legado de nacionalismo militarista (SOUTO MAIOR, 1970, p. 333).

O ano de 1848 foi um ano marcante para nossa civilização, haja vista a publicação do Manifesto Comunista por Karl Marx e Friedrich Engels e as conseqüências oriundas do marxismo.

No cenário internacional, países europeus enriqueciam e eram protagonistas de desentendimentos comerciais e tais divergências configuravam a futura Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

No Brasil, o século XIX pode ser dividido em três momentos, do ponto de vista político: o Primeiro Reinado (1822-1831), o Período Regencial (1831-1840) e o Segundo Reinado (1840-1889). Tais períodos delimitam crises políticas e econômicas do país no esforço de conciliar as reivindicações democratizantes liberais com o autoritarismo monárquico e o modo de produção escravagista (SILVA, 2005, p. 102).

A escravidão de negros em nosso país teve uma abrangência de aproximadamente três séculos e meio. Foram assinados vários acordos antes da abolição ocorrida em 1888, entretanto, muitos deles sanavam apenas parcialmente as reivindicações dos abolicionistas (CALDEIRA, 1997, p. 197).

É impressionante observarmos a simultaneidade de eventos que ocorrem nesta época. No âmbito mundial, a publicação de *A origem das espécies*, faz a humanidade refletir sobre o antropocentrismo existente.

Não muito distante disso, em 1863, o Brasil apoiado pelo poderio inglês, inicia a guerra contra o Paraguai, pois a evolução do país sul-americano, ameaçava a hegemonia da Inglaterra, conforme descreve Sérgio Buarque de Holanda: “Assim como o Brasil, a Argentina foi alvo da violenta megalomania de dominação do ditador paraguaio Solano Lopez. Até o Uruguai, não afetado até então, foi posto no conflito” (HOLANDA, 1983, p. 42).

Mesmo com o Paraguai arrasado e o Brasil endividado, nosso exército conseguiu grande respeitabilidade e empatia frente a nação. Como muitos negros haviam combatido pelo Brasil e se mostraram aguerridos e com grande bravura, fervilharam mais do que nunca as idéias abolicionistas. Posterior a isso, também iniciou-se a industrialização em nosso país.

O positivismo também teve importância nesse contexto histórico. Auguste Comte, pensador francês, almejava que em todos os ramos de estudos, se obedecesse a preocupação da máxima objetividade e considerava ser natural toda a sociedade, em toda parte venha a evoluir da mesma maneira e no mesmo sentido, tendo daí o resultado que a humanidade em geral caminha para um mesmo tipo de sociedade mais avançada (LAKATOS, 1985, p. 44-45).

Sem dúvida tais movimentos ideológicos contribuíram, sobremaneira para a queda definitiva do governo imperial e a ascensão do regime republicano (PAULA JUNIOR, 2005, p. 18).

Com a queda de D. Pedro II em 15 de novembro de 1889 e com a proclamação da república, e principalmente a chega ao poder de Floriano Peixoto em substituição ao Marechal Deodoro da Fonseca, dá-se um período muito repressivo e além disso, o mandatário brasileiro, pôs em prática uma política econômica impopular. Temido pelos liberais e aplaudido pelos positivistas, ele cumpriu todo o mandato e passou o poder para Prudente de Morais, o sucessor eleito (CALDEIRA, 1997, p. 23).

Um outro aspecto a ser enfatizado é o funcionamento do sistema educacional desta época. Existiam os colégios tradicionais, reservados aos filhos de famílias conceituadas, futuras autoridades de nossa sociedade:

O colégio D. Pedro II apesar de seu bom nível em relação ao que então aqui existia e não obstante terem saído de seus cursos muitos homens ilustres que iriam influir no país, não pode desempenhar papel de um centro de ciência e pesquisa de que o Brasil tanto necessitava, em virtude de seu ensino, se prender, demasiadamente, ao estudo das letras e humanidades, com pequena concessão aos estudos científicos (HOLANDA, 1985, p. 372).

É curioso constatar que Raul Pompéia, fora transferido para esse conceituado colégio em 1879, onde pode aprimorar sua vocação para o jornalismo, arte e vida pública.

Antes de sua transferência para o colégio D. Pedro II, ele já tinha tido contato direto com as normas severas e as posturas interesseiras que omitiam a grande hipocrisia ali existente. Nessa primeira instituição educacional, o colégio Abílio, Raul Pompéia potencializou ainda mais sua capacidade crítica, o que é observável sem sua disputa

ideológica com aqueles professores que ele considerava antiquados e pouco inteligentes (TEIXEIRA apud POMPEIA).

O colégio Imperial D. Pedro II não fugia as características basilares do colégio Abílio. Em ambas instituições educacionais, era comum uma repressão que acabava perturbando os pensamentos dos alunos e conseqüentemente poderia mudar drasticamente suas personalidades. Muita pompa e renome não eram capazes de enganar o jovem escritor, que criticou a hipocrisia existente nesses colégios, expondo-as nitidamente em seu romance mais conhecido (PAULA JUNIOR, 2005, p. 20).

Ao lermos mais detidamente a biografia de tal autor, podemos averiguar que muitos dos eventos vivenciados por ele, o tornaram não apenas um escritor de renome, mas também uma pessoa com certa importância em seu contexto jornalístico e político.

A PERSONALIDADE HUMANA SOB O ENFOQUE PSICANALÍTICO

O trabalho de Freud afetou não apenas a forma de abordar a personalidade humana nas áreas de psicologia e psiquiatria, mas também causou grande impacto nas formas de se encarar a natureza humana. A amplitude de suas idéias são raras na história de nossa civilização.

Grande parte das teorias da personalidade elaboradas após ele, são derivações da sua obra básica, ou então são opostas a psicanálise freudiana (SHULTZ, 2004, P. 42).

Embora tenham ocorrido vários desvios teóricos em relação ao estudo psicanalítico freudiano, principalmente após a morte de seu idealizador, a psicanálise conseguiu extrapolar sua função meramente terapêutica, e passou a ser tomado como método de investigação e teoria sistemática de conhecimentos.

Em geral, a precisão da especificidade psicanalítica está, exatamente, neste atributo de beneficiar-se dos outros campos do conhecimento, sem se confundir com os mesmos. “No final das contas, Freud insistia em dizer que os poetas e os artistas teriam um acesso mais fácil a verdade, talvez por não ficarem presos a esquemas e preconceitos enferrujados (CESAROTTO, SOUZA LEITE, 1984, p. 82).

Freud principia sua atividade teórica, afirmando que não há nenhuma descontinuidade na vida mental e afirma que nada ocorre ao acaso e tampouco os processos mentais. Todo evento mental é originado pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos ocorridos anteriormente. Freud passa então a procurar e descrever os elos de ligação de um evento consciente a outro (FADIMAN, FRAGER, 1986, p. 7).

Ele fez uma inteligente analogia da mente humana com um iceberg onde abaixo desta superfície visível, estaria o inconsciente, principal foco da teoria psicanalítica. Nele está a morada dos instintos, desejos que regem nosso comportamento. Essa estrutura seria o depósito de forças invisíveis e incontroláveis, onde existem as forças perturbadoras e motivadoras do comportamento.

Em 1905, Freud propôs na sua anatomia da personalidade, três estruturas básicas: id (estrutura primordial, original e central da personalidade). É onde se localizam os instintos humanos, uma estrutura egoísta e que trabalha em função de evitar a dor e maximizar o prazer, o ego (é a estrutura intermediária ligada a realidade externa). É desenvolvido a partir do id, protegendo-o e extraindo energia para suas funções, tendo como principais deveres, garantir a saúde, segurança e sanidade da personalidade) e o superego (desenvolvido a partir do ego, é uma espécie de juiz sobre a conduta e os pensamentos do ego). Age sob a consciência, restringindo e inibindo condutas não aceitas socialmente.

O ego fica no meio, pressionado por essas forças insistentes e opostas, e tem um terceiro mestre: o superego. Para parafrasear Freud, o pobre do ego sofre, pressionado de três lados, ameaçado por três perigos: o id, a realidade e o superego. O resultado inevitável desse confronto, quando o ego está excessivamente pressionado, é o surgimento da ansiedade (SHUTZ, 2004, p. 51).

MECANISMOS DE DEFESA DO EGO CONTRA A ANSIEDADE

A primordial dificuldade da psique é encontrar maneiras para enfrentar a ansiedade que é ocasionada por uma elevação, esperada ou imprevista, da tensão ou desprazer e pode desenvolver-se em qualquer ocasião, seja real ou imaginária, quando ameaça a alguma parte do corpo ou da psique é muito alta para ser omitida, dominada ou descarregada (FADIMAN, FRAGER, 1986, p. 19).

Existem duas formas de diminuir a ansiedade. A primeira é enfrentar diretamente a situação. Dessa maneira, buscamos eliminar a dificuldade e diminuir as probabilidades delas se repetirem, minimizando, assim, as probabilidades de ansiedades adicionais futuras.

A outra maneira de defesa contra a ansiedade, é aquela que deforma ou nega a situação. O ego protege toda a personalidade contra a ameaça falseando tal natureza. Os modos pelos quais se processa tais distorções são denominados mecanismos de defesa (FADIMAN, FRAGER, 1986, P. 19).

Freud com base em seus estudos, postulou vários mecanismos de defesa e observou que em geral nos defendemos da ansiedade utilizando vários deles simultaneamente, havendo também uma sobreposição entre eles. Operam inconscientemente, o que significa que no nível do consciente temos imagens distorcidas ou irreais do nosso mundo e de nós próprios (SHUTZ, 2004, p. 53).

Os principais são a repressão (distanciamento voluntário de algo de nossa consciência, uma espécie de esquecimento da existência de alguma coisa que nos acomete de constrangimento ou sofrimento), negação (relaciona-se a repressão e engloba a negação da existência de alguma ameaça interna ou externa ou evento traumático ocorrido anteriormente), projeção (é uma forma de nos defendermos de impulsos perturbadores, atribuindo-os a outros indivíduos), regressão (quando uma pessoa volta ou regride a um período anterior da sua vida e que foi mais confortável), formação de reação (quando uma pessoa com impulso perturbador expressa ativamente o impulso oposto), racionalização (reinterpretação do nosso comportamento para que ele se torne mais aceitável e menos ameaçador para nós, justificando assim um pensamento ou atitude ameaçadora), deslocamento (ocorre quando um objeto que saceia um impulso do id não está disponível e é deslocado esse impulso para um outro objeto) e sublimação (envolve a transformação de impulsos do id não aceitos socialmente, para outras formas de expressão, socialmente aceitáveis).

LITERATURA E PSICANÁLISE

A Literatura, pode-se dizer, é capaz de amalgamar no texto literário uma infinidade de eventos que ocorrem no momento em que está sendo elaborado, refletindo aquilo que pode ser observado em diversas esferas, seja social, econômica, psicológica, dentre outros.

Podemos constatar que a Literatura, enquanto meio expressivo, é capaz de não apenas abarcar uma série de acontecimentos e tendências ocorridas em determinada época, mas pode também ser interpretada por aquilo que soma-se a ela, ou seja, ela pode ser interpretada também em outros níveis.

Desde que não haja uma inversão de valores, onde uma determinada ciência afim venha a prejudicar o sentido da principal, ela pode enriquecê-la, de forma a tornar seu nível de entendimento cada vez mais profundo e inteligível (PAULA JUNIOR, 2005, p. 48).

Quando Freud revolveu os labirintos da psique humana com sua psicanálise, ele despertou monstros submersos, onde a existência dos mesmos era manifestada pelos meios oblíquos da simbologia (MOISÉS, 1982, p. 41).

Ao proceder como o aprendiz de feiticeiro, que trouxe a Psicanálise à crítica literária? Novos instrumentos analíticos, novas analogias, uma sintaxe para interpretar os símbolos eternos, chaves para decifra-lhes a natureza mais íntima, para sondar-lhes a essência inefável, para compreender-lhes as paragens de sombras em que jaziam, enfim, abriu-lhes horizontes ainda patentes indagação...(MOISÉS, 1892, p. 42).

Observando o enredo do romance escrito por Raul Pompéia, O Ateneu, fica evidenciado à possibilidade de interpretar alguns dos eventos ocorridos, levando em consideração os estudos psicanalíticos.

No romance, são diversas as passagens em que podemos constatar alguns dos postulados de Freud, como os instintos de vida e de morte, a manifestação dos instintos, os confrontos dos mesmos com a realidade e os diversos fenômenos ocorrentes na personalidade humana.

Para um maior delineamento do estudo, enfocaremos a seguir, alguns fragmentos do enredo que podem ser interpretados de acordo com as defesas do ego contra a ansiedade.

REPRESSÃO

Havia uma personagem chamada Ângela, que era uma das empregadas da casa de Aristarco, que atraía os olhares masculinos por sua beleza física. Todavia, assimilando as idéias de Barreto, Sérgio evitava pensar nela, recusando pensamentos pecaminosos:

A teologia do Barreto me calara fundo, e eu resolvera piedoso exortar quanta imagem de sorriso viesse pousar-me à idéia. Virando a página dos fervores, a teoria ficou-me de resto, do Satanás feminino. Com a pureza a mais, natural da idade, ia zombando de Ângela e pompas adjacentes. Fechado o peito como a paz de Jano, e exteriormente a vaidade me amparava. (POMPÉIA, 1973, p. 104)

PROJEÇÃO

No internato, muitos alunos atribuíam seus impulsos a outras pessoas, como no fragmento abaixo:

[...] Uma cáfila! Não imagina, meu caro Sérgio. Conte como uma desgraça ter que viver com essa gente. E esbeçou um lábio sarcástico para os rapazes que passavam

[...] Aí vão as carinhas sonsas, generosa mocidade... uns perversos (POMPÉIA, 1973, p. 50)

Observamos que Rebelo, mais um dos incompreendidos alunos do internato, ao fazer tal relato de seus convivas, acaba atribuindo a outrem, instintos que ele próprio poderia possuir, ou seja, projetava tais impulsos aos outros, se defendendo daquilo que possivelmente fazia parte de seu comportamento cotidiano.

DESLOCAMENTO

O diretor Aristarco utiliza de meios além da expressão oral para insinuar uma situação que ele considerava imprópria. Por exemplo, se um pai atrasava o pagamento da mensalidade, quem sofria as conseqüências era o filho, que muitas vezes nem tinha o conhecimento da situação:

“Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasados” (POMPÉIA, 1973, p. 43)

SUBLIMAÇÃO

Em uma conferência, dada pelo Sr. Cláudio, um respeitado professor, para um grande público no Ateneu, ele explana algo sobre a arte:

Sonho, sentimento artístico ou contemplação, é o prazer atento da harmonia, da simetria, do ritmo, do acordo das impressões, com a vibração da sensibilidade nervosa. É a sensação transformada. A história do desenvolvimento humano nada mais é do que uma disciplina longa de sensações. A obra de arte é a manifestação do sentimento. (POMPÉIA, 1973, p. 130).

Podemos notar nessas palavras que ela contém muito do que Freud conceituou como sublimação e porque ele expressou que a arte era uma forma de sublimação, pelo fato de desviar a energia instintiva para expressões socialmente aceitas.

Fica evidenciado assim, que a Psicanálise pode contribuir efetivamente para o aprofundamento da análise de obras literárias, agindo como um eficiente referencial teórico e clínico para a análise de personagens e obras literárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Jorge. *Viagem pela História do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CESAROTO, Oscar, SOUZA LEITE, Márcio Peter de. *O que é psicanálise*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FADIMAN, James, FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 1986.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico: declínio e queda do Império*. 4v. 4. ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

LAKATOS, Eva Maria. *Sociologia geral*. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

MOISES, Massaud. *Literatura: Mundo e forma*. São Paulo: Cultrix, 1982.

PAULA JUNIOR, Celso Garcia. *Uma interpretação psicanalítica do romance O Ateneu*. 2005. Trabalho monográfico (Licenciatura em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

SILVA, Cristiane Ferrato Gilaberte da. *Emílio vivo no discurso da pastoral da criança: um diálogo contemporâneo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

SOUTO MAIOR, Armando. *História geral*. 16 ed. São Paulo: Nacional, 1976.

